

APRESENTAÇÃO

O primeiro número de 2013 da revista *Working Papers em Linguística* conta com cinco artigos.

O artigo de Rodrigo Acosta Pereira, intitulado *As relações dialógico-valorativas no gênero carta de conselhos em revistas online*, como o nome sugere, tomando como base teórica a concepção de linguagem e de gêneros do Círculo de Bakhtin, apresenta uma análise das relações dialógicas e dos tons avaliativos presentes no gênero *carta de conselhos* publicado em revistas *online*. Segundo o autor, o conselheiro-articulista “reenuncia o discurso já-dito de outrem e enuncia o discurso pré-figurado do reclamante com o intuito de validar seus pontos de vista e de antecipar possíveis respostas do reclamante sobre seus problemas íntimos [...]. Em relação aos movimentos avaliativos, estes consubstanciam a posição verbo-axiológica do conselheiro-articulista e, por conseguinte, orientam sua reação de resposta”.

Por sua vez, no artigo *O dialogismo e a clínica dos distúrbios de linguagem: implicações e perspectivas*, também tal qual o nome indica, os autores Jefferson Lopes Cardoso e Valdir do Nascimento Flores objetivam, a partir dos referenciais do Círculo de Bakhtin, em especial o conceito de dialogismo, “abordar a questão da clínica dos distúrbios de linguagem na qual estes são, ao mesmo tempo, objeto de estudo e de intervenção”. Como resultado da busca da relação entre a teoria proposta e os distúrbios da linguagem (objeto de pesquisa e ação interventiva), eles consideram que “o diálogo entre a teoria dialógica e o campo dos *distúrbios de linguagem* é produtivo para uma outra visão de clínica”.

Marília de Nazaré Ferreira Silva e Rafaela Viana Maciel, no artigo *Escrita e leitura em língua materna: uma experiência intercultural entre os parkatêjê*, objetivam, a partir de um projeto de extensão de alfabetização de adultos indígenas em língua materna, “refletir sobre o trabalho desenvolvido acerca do ensino da leitura e da escrita de línguas maternas às sociedades indígenas ágrafas, como é o caso da comunidade Parkatêjê.” Como parte da análise, salientam que “a apropriação da escrita e da leitura por indígenas, cuja tradição é oral, não é algo natural, que se faça de uma hora para outra” e que esse projeto “proporcionou oportunidades para o fortalecimento da língua aos alfabetizando adultos, além da experiência de interculturalidade a todos os envolvidos no trabalho”.

Já no artigo *Um olhar sobre o muito(a) no português brasileiro: o caso (ou não) da ambiguidade*, Kayron Campos Beviláqua analisa os usos do quantificador *muito(a)* associado ao sintagma nominal no singular no Português Brasileiro. Para tanto, realiza “um paralelo com o que parece ser o quantificador plural no PB – *muitos* – e também seus correspondentes no inglês (*much* e *many*)”. Como resultado, dentre outros, observa que as generalizações feitas por Bale;Barner não se aplicam aos dados apresentados e que “*muitos* é um quantificador especializado para predicados plurais”.

Por fim, Luciana Braga Carneiro Leão, em *Implicaturas e a violação das máximas conversacionais: uma análise do humor em tirinhas*, objetiva demonstrar como o humor se constrói a partir de implicaturas e máximas conversacionais. Para tanto, analisa tirinhas de Garfield, Mafalda e de humor *meme* (autoria desconhecida). Segundo a

autora, “o humor, pelo seu caráter conversacional, apresenta-se como um grande exemplo do quanto implicado há por trás do que é expresso convencionalmente, ou seja, o quanto não-dito – mas ainda assim intencionado a ser transmitido – há por trás do dito”.

Rosângela Hammes Rodrigues

Editora Geral